

INICIATIVA CINTURÃO E ROTA CHINESA: IMPACTOS DO CONFLITO ISRAEL-IRÃ

Por Silvia Boltuc*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O conflito Israel-Irã tem profundas implicações estratégicas para a China, ameaçando em especial a Iniciativa Cinturão e Rota e a estabilidade do Paquistão, alinhando-se aos objetivos dos EUA de conter a influência de Pequim.

Este relatório analisa as implicações estratégicas do conflito Israel-Irã para os interesses regionais da China, com foco na interrupção dos investimentos energéticos, logísticos e geopolíticos de Pequim.

Examina ainda as consequências da intenção declarada de Israel de atingir o Paquistão caso o Irã seja derrotado, destacando a potencial ameaça à Iniciativa Cinturão e Rota (BRI) da China.

Além disso, avalia como o conflito – e os recentes ataques dos Estados Unidos em território iraniano – podem se alinhar ao objetivo mais amplo de Washington de conter a influência de Pequim nos corredores Indo-Pacífico e Eurasiático.

Principais Conclusões

- O atual conflito Israel-Irã ameaça significativamente os interesses estratégicos da China, colocando em risco suas importações de energia e o corredor logístico terrestre;

- As intenções israelenses de atingir o Paquistão após uma potencial derrota do Irã desestabilizariam gravemente o Corredor Econômico China-Paquistão e interromperiam o acesso da China aos mercados da Ásia Central;
- O conflito se alinha aos objetivos mais amplos dos EUA de conter a influência regional de Pequim, minando suas principais parcerias e autonomia logística.

CONTEXTO INFORMATIVO: O CONFLITO ISRAELENSE-IRÃ

Em 13 de junho de 2025, Israel iniciou uma ofensiva aérea surpresa visando uma série de instalações militares e nucleares iranianas, afirmando que Teerã estava prestes a atingir a capacidade de armas nucleares. O Irã retaliou com centenas de foguetes e drones contra Israel após uma operação visando sua infraestrutura nuclear. Os ataques iniciais se transformaram em um conflito prolongado nos dias seguintes.

Em 21 de junho de 2025, o presidente Donald Trump anunciou que os militares dos EUA haviam lançado ataques aéreos coordenados contra três importantes instalações nucleares iranianas (Fordow, Natanz e Isfahan). Em resposta, Teerã lançou uma barragem de mísseis contra a Base Aérea de Al Udeid, no Catar. O ataque não causou baixas; o presidente Trump o caracterizou como uma “*resposta fraca*” e, posteriormente, apelou para a redução da tensão quando o confronto entrou em seu décimo segundo dia.

Em 23 de junho de 2025, o presidente Trump declarou que o cessar-fogo acordado entre Israel e o Irã estava em vigor e instou ambos os lados a não violá-lo. Doze horas depois, as forças israelenses cessaram as hostilidades, marcando o início gradual até o fim completo dos combates, de acordo com diversas fontes de notícias.

No entanto, relatos de Teerã e Jerusalém questionam a solidez do acordo; disparos de mísseis do Irã após o prazo de cessar-fogo causaram baixas civis em Berseba, disparando alertas de ataque aéreo israelense.

RELAÇÕES CHINA-IRÃ: CONTEXTO ESTRATÉGICO

Em 24 de junho de 2020, a China e o Irã formalizaram uma parceria estratégica de longo prazo por meio de um acordo de 25 anos assinado em Pequim. Sob os termos desse acordo, a China se comprometeu a investir aproximadamente US\$ 400 bilhões na economia iraniana durante a vigência do acordo. Em troca, Teerã concordou em fornecer à China um fluxo de petróleo estável e com grandes descontos – acordo que ganhou ainda mais relevância estratégica à luz das sanções impostas ao setor de hidrocarbonetos do Irã. Como resultado desse quadro, a China emergiu como a principal compradora de petróleo iraniano, contornando efetivamente as restrições internacionais.

Além do nível bilateral, o Irã e a China mantêm cooperação em plataformas multilaterais mais amplas, notadamente como membros da Organização de Cooperação de Xangai (OCX) e do BRICS.

Em 2022, Teerã autorizou o estabelecimento de um Consulado Geral Chinês em Bandar Abbas, uma importante cidade portuária na província de Ormozgan, no sul do país. Essa região se tornou um ponto focal para a cooperação sino-iraniana, particularmente nos setores marítimo e de construção naval.

A crescente presença de cidadãos chineses no sul do Irã – especialmente na Ilha de Qeshm, onde muitos residem e realizam negócios – ilustra ainda mais a crescente presença dos interesses chineses no Golfo Pérsico. Por outro lado, o Irã mantém escritórios consulares em Xangai, Cantão e Hong Kong, facilitando o engajamento bilateral por meio de canais econômicos e diplomáticos.

Os dois países também concluíram diversos projetos de infraestrutura com o objetivo de aprimorar a conectividade. Entre os mais notáveis estão a “Ponte Persa”, que liga a Ilha de Qeshm ao continente iraniano, e uma linha ferroviária de carga que liga Xi'an, na China, ao porto seco de Aprin, no Irã, situado próximo a Teerã. Esses projetos são emblemáticos dos esforços da China para consolidar os corredores terrestres que ligam o Leste Asiático ao Oriente Médio, no âmbito da Iniciativa Cinturão e Rota.

De acordo com reportagens do *Wall Street Journal*, informações recentes de inteligência sugerem que Teerã encomendou milhares de toneladas de componentes de mísseis à China, supostamente como parte dos esforços para reabastecer seu arsenal estratégico e apoiar milícias aliadas alinhadas ao chamado “Eixo da Resistência”.

No centro dessa alegação está um suposto contrato para a aquisição de perclorato de amônio – um propelente essencial para mísseis de combustível sólido – suficiente para produzir até 800 sistemas de mísseis balísticos. O acordo supostamente envolve a empresa iraniana Pishgaman Tejarat Rafi Novin Co. e a Lion Commodities Holdings Ltd., empresa registrada em Hong Kong. Embora essas transações permaneçam sob escrutínio, elas refletem uma dimensão mais profunda da cooperação Irã-China, que se estende a domínios militares-industriais sensíveis.

AVALIAÇÃO GEOPOLÍTICA

Teerã é o principal parceiro comercial da China no Oriente Médio, fornecendo quase metade do petróleo importado por Pequim. Para preservar o acesso ininterrupto a esses hidrocarbonetos, a China tem consistentemente contornado as sanções ocidentais impostas a Teerã.

O yuan chinês (CNY) é supostamente a principal moeda usada em muitas dessas transações. Há também relatos não confirmados de que mecanismos de escambo e trocas baseadas em ouro foram utilizados em alguns casos. Isso minou o domínio do dólar americano nas transações comerciais bilaterais.

No entanto, essa relação estratégica em energia é vulnerável à volatilidade regional. Qualquer tentativa do Irã de fechar o Estreito de Ormuz – frequentemente invocada como medida retaliatória – não apenas interromperia suas próprias rotas de exportação, mas também colocaria em risco as importações

da China de outros fornecedores importantes de energia. A Arábia Saudita, a segunda maior fonte de petróleo da China, assim como o Catar e os Emirados Árabes Unidos, que fornecem gás natural, dependem da passagem segura pelo Estreito de Ormuz para entregas marítimas ao Leste Asiático.

Em caso de aumento das tensões regionais, o Mar Vermelho pode emergir como outro ponto crítico. Caso os Houthis intervenham militarmente em conluio com o Irã, a segurança marítima no Estreito de Bab el-Mandeb e nos corredores circundantes pode se deteriorar ainda mais. Esse cenário impactaria severamente as rotas marítimas internacionais. Notavelmente, durante o conflito em Gaza, navios chineses que transitavam pelo Mar Vermelho teriam desfrutado de tratamento preferencial dos Houthis, em contraste com os repetidos ataques a navios comerciais com bandeira ou operados pelos EUA e pelo Reino Unido.

Dada a vulnerabilidade estratégica das rotas marítimas, Pequim e Teerã se mobilizaram para estabelecer um corredor de carga terrestre com o objetivo de manter a continuidade do comércio, reduzindo a dependência do Estreito de Malaca, um ponto de estrangulamento amplamente sob influência estratégica dos Estados Unidos em tempos de crise. Essa infraestrutura assumiu importância estratégica acrescida após a reintrodução da campanha de “pressão máxima” pelo governo Trump, que visava, entre outros objetivos, reduzir as exportações de petróleo do Irã de 1,5 milhão de barris por dia para zero, visando compradores-chave, notadamente a China.

No entanto, a utilidade desse corredor depende da estabilidade regional. Caso o Irã se envolva em um confronto militar direto, particularmente envolvendo Israel ou os Estados Unidos, os ataques resultantes à sua infraestrutura de petróleo e gás provavelmente tornariam o corredor ineficaz.

Uma nova escalada ameaça desestabilizar a região mais ampla do Golfo, onde a China detém amplos interesses econômicos e depende fortemente de importações de energia.

Declarações recentes da liderança israelense sugerem que as operações militares podem não terminar com o Irã. Surgiram indícios de que o Paquistão também pode se tornar um alvo após uma campanha israelense decisiva contra Teerã. Essa perspectiva teria implicações significativas para a China, visto que o Paquistão abriga o Corredor Econômico China-Paquistão (CPEC), um pilar da Iniciativa Cinturão e Rota, ancorado pelo estratégico Porto de Gwadar.

A desestabilização no Paquistão prejudicaria gravemente os investimentos estratégicos chineses e interromperia ligações logísticas críticas. Além disso, essa instabilidade repercutiria por toda a Ásia Central. Países como Cazaquistão, Uzbequistão e Turcomenistão dependem de corredores de transporte e comércio através do Irã e do Paquistão para acessar mercados globais. Se ambos os Estados forem comprometidos, a China enfrentará um isolamento regional a oeste de suas fronteiras e o colapso de seu eixo logístico ocidental.

Islamabad, ciente do risco existencial representado por um ataque nuclear ao Irã, alertou Israel sobre possíveis retaliações. Simultaneamente, o Paquistão fez

propostas ao presidente dos EUA, Donald Trump, incluindo a proposta de sua candidatura ao Prêmio Nobel da Paz – uma aparente tentativa de obter influência política ou um potencial aliado em caso de confronto direto com Israel.

De uma perspectiva estratégica, a ação militar israelense visando o Irã – e potencialmente o Paquistão – alinha-se aos objetivos de longa data dos Estados Unidos de restringir a expansão geopolítica da China, removendo parceiros regionais essenciais para a projeção de Pequim para o oeste. Com corredores terrestres ameaçados e alternativas marítimas como o Estreito de Malaca, em grande parte sob influência dos EUA, a autonomia estratégica da China, tanto em logística quanto em fornecimento de energia, ficaria gravemente comprometida.

Tal desenvolvimento promoveria o proposto Corredor Índia-Oriente Médio-Europa (IMEC, *India-Middle East-Europe Economic Corridor*), posicionando Israel como um polo estratégico fundamental ao longo da rota.

Em última análise, a China corre o risco de perder a credibilidade diplomática conquistada ao mediar com sucesso a normalização das relações entre a Arábia Saudita e o Irã.

CONCLUSÃO

O conflito Israel-Irã está servindo não apenas aos interesses nacionais israelenses, mas também promovendo os objetivos geopolíticos dos Estados Unidos, prejudicando as arquiteturas regionais apoiadas pela China.

A potencial extensão da hostilidade israelense ao Paquistão marca uma escalada significativa que poderia destruir a estratégia continental de Pequim, enfraquecendo sua conectividade através da Ásia Central.

Desestabilizar o Irã e o Paquistão – dois dos corredores com maior investimento na BRI – deixaria a China estruturalmente vulnerável a oeste de Xinjiang e exporia suas linhas de fornecimento de energia ao controle adversário.

Publicado no [SpecialEurasia](#).

****Silvia Boltuc** é cofundadora e diretora geral da SpecialEurasia. Como especialista em relações internacionais, consultora de negócios e analista política, ela tem apoiado instituições públicas e privadas na tomada de decisões através de relatórios, avaliações de risco e consultoria. Ela também é diretora do Departamento de Energia e Engenharia do CeSEM – Centro Studi Eurasia Mediterraneo e gerente de projetos da Persian Files. Anteriormente, trabalhou como diretora associada na ASRIE Analytica. Silvia Boltuc fala italiano, inglês, alemão, russo e árabe.*
